

Americanidade e Latinoamericanidade na Obra de Gilberto Freyre*

Luiz Fernando Valente**

Resumo

Uma das facetas menos estudadas da obra monumental de Gilberto Freyre são os escritos em que o autor de *Casa-grande & senzala* reflete sobre as questões da Americanidade e da Latinoamericanidade. Essa comunicação aborda o conjunto desses textos como um suplemento que problematiza as grandes interpretações freyrianas do Brasil, em particular o conceito canônico de lusotropicalismo.

Palavras-chave

Gilberto Freyre; suplemento; lusotropicalismo; identidade; América Latina

Abstract

One of the least studied aspects of Gilberto Freyre's monumental oeuvre are the essays in which the author of *The Masters & the Slaves* reflects on the topics of American and Latin American identity. This essay approaches this group of texts as a supplement that problematizes Freyre's celebrated interpretations of Brazil, particularly the canonical concepts of Lusotropicalism.

Keywords

Gilberto Freyre; supplement; Luso-tropicalism; identity; Latin American

APESAR DE TER DEIXADO UMA OBRA VASTÍSSIMA, que inclui mais de vinte volumes de ciências sociais e ficção, além de cerca de três mil e quatrocentos artigos em jornais e revistas, Gilberto Freyre continua, infelizmente, a ser avaliado no meio universitário norte-americano e, de certa forma no próprio meio universitário brasileiro, sobretudo com base num só título, *Casa grande & senzala*. São lamentáveis as generalizações sobre Freyre feitas a partir da leitura muitas vezes apressada ou descontextualizada de seu livro mais conhecido, ao mesmo tempo em que se ignoram outros aspectos de sua variegada produção intelectual. Entre esses merece atenção um relativamente pequeno mas significativo bloco de textos que teorizam sobre a América Latina e refletem sobre a identidade latino-americana. Trata-se de artigos e ensaios, escritos em sua maior parte em 1942, durante sua viagem de lua de mel pelos países vizinhos na América do Sul - embora Freyre tenha ocasionalmente retornado à temática latino-americana em alguns textos posteriores, sobretudo no final da década de 1940 - que o autor ia enviando aos jornais com os quais colaborava na época: *A Manhã* e o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, e o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio* do Recife. Coligidos por Edson Nery da Fonseca e publicados pela Editora da Universidade de Brasília, no início da década passada, os textos dos anos 40 são complementados por um importante ensaio-síntese, “Americanidade e latinidade da América Latina: crescente interpenetração e decrescente segregação”, escrito no início da década de 1960 para um número especial da revista *Diogenes*, da UNESCO, que abre o volume organizado por Fonseca. É necessário sublinhar que essa faceta da obra freyriana não deve ser vista como uma mera excrescência ou curiosidade. Muito pelo contrário, os artigos sobre a americanidade e a latinidade da América Latina dialogam com outros textos fundamentais do autor e constituem um aspecto importante no conjunto de seu legado intelectual.

A maioria dos textos de 1942 são artigos curtos, nos quais Freyre discorre sobre uma variedade de tópicos, tais como as tradições folclóricas das populações ribeirinhas da bacia platina, a arquitetura aristocrática de Assunção, a cozinha paraguaia, a cultura cívica argentina, o quarto centenário de fundação da capital boliviana de La Paz, e a apreciação pelo jornalista argentino Ricardo Sáenz Hayes das transformações modernizantes que estavam ocorrendo na sociedade brasileira, entre outros. Embora alguns desses artigos tenham uma feição um tanto coloquial, não são jamais

inconsequentes, e vêm sempre informados pelas grandes preocupações freyreanas. Por exemplo, um dos artigos sobre o Paraguai desenvolve uma analogia entre os paraguaios, vistos como “um povo que elabora nova e vigorosa cultura em harmonia com a natureza regional e com os valores nativos” (62) e os brasileiros, concluindo com um comentário sobre como brasileiros e paraguaios estariam unidos em face da proposta de “criação de uma moderna e sólida civilização tropical” (62), que, como sabemos, foi sempre um dos grandes temas da obra de Freyre. Num artigo sobre a superioridade dos hotéis portenhos em contraste com os brasileiros, Freyre aponta como um meio termo ideal a possível conciliação do exemplo de modernização oferecido pelos argentinos com a necessidade de se conservar nos hotéis nacionais “alguma coisa do passado brasileiro: do antigo culto da hospitalidade das casas-grandes e dos sobrados” (89). Freyre aproveita o ensejo do artigo sobre o livro de Sáenz para contrastar a modernização da sociedade brasileira, que sob muitos aspectos seria, segundo o autor, uma importação de ideias norte-americanas, com a contribuição do “colonizador português, predisposto pelo seu contato íntimo com os mouros, pela sua oceanidade, pela sua heterogeneidade étnica, à mais larga confraternização de sangue e de cultura com ameríndios e africanos” (112), tese levantada em *Casa-grande & senzala* (1933) e confirmada em *O mundo que o português criou* (1940), publicado apenas dois anos antes. Semelhantemente, no artigo intitulado “Americanismo e hispanismo”, Freyre propõe que dentro da sociedade brasileira, a democracia racial poderia servir como um poderoso antídoto à tradição de autoritarismo político supostamente herdada de práticas imperiais:

O Brasil, por exemplo, tendo uma tradição monárquica que talvez o predisponha a forma menos democrática de governo que a dos Estados Unidos ou a do Uruguai, em compensação se apresenta democrático como nenhum outro povo numeroso da América no ajustamento das relações entre raças, no próprio Império tendo ascendido a situações sociais e políticas excelentes, mestiços marcados como Rebouças e Saldanha Marinho, e na República tendo chegado à presidência e à substituição no Ministério das Relações Exteriores, do ruivo ministro Lauro Muller, um mulato inconfundível como Nilo Peçanha. (FREYRE, 2003, p. 92)

Além desses artigos curtos, o bloco inclui também dois ensaios de maior fôlego, “A propósito da política cultural do Brasil na América”, baseado numa conferência proferida no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, em Montevideo, e “Interamericanismo”, publicado originalmente no jornal *La Nación*, em Buenos Aires. Nesses textos Freyre conceitualiza mais extensivamente sobre a americanidade e a latinidade, merecendo, portanto, especial atenção.

O primeiro ensaio abre com a consideração do importante papel do indígena na formação cultural brasileira e, por extensão, como alicerce da própria americanidade, um tópico que muitas vezes é apontado como secundário na obra freyreana, mas que será central em outros textos incluídos nesse volume: “o elemento comum de caracterização social e até psicológica do americano foi e é o ameríndio” (FREYRE, 2003, p. 39). Para Freyre não se trata simplesmente de uma questão da miscigenação entre brancos e índios, mas algo de mais profundo: a “assimilação . . . de valores morais e materiais do indígena integrado na natureza americana” (FREYRE, 2003, p. 38), corporificados, no caso do Brasil, na figura do bandeirante como símbolo nacional. Numa enfática defesa da chamada “fábula das três raças”, Freyre considera o elemento indígena, juntamente com o africano, como peças essenciais da identidade híbrida brasileira: “A contemporização do português com valores indígenas e com os dos africanos já familiarizados com os trópicos é que tornou possível o fato de levantar-se hoje no Brasil a maior civilização moderna e, socialmente, a mais democrática nos trópicos” (FREYRE, 2003, p. 40). Para os propósitos do presente artigo, é importante ressaltar três pontos fundamentais que emergem naquele ensaio. Primeiro, apesar da inevitável dose de excepcionalismo representado pelo Brasil, exemplo talvez mais acabado da “harmonização do europeu com a natureza tropical e semi-tropical” (FREYRE, 2003, p. 40), Freyre insere o Brasil numa comunidade latina transnacional ao referir-se aos brasileiros como “nós, hispano-americanos” (FREYRE, 2003, p. 38). Segundo, retomando a tese que subjaz a toda sua obra, Freyre insiste na distinção radical entre raça e cultura, afirmando que “a americanidade não é decerto um fenômeno ou uma condição biológica: sangue ou raça” (FREYRE, 2003, p. 38). Finalmente, navegando contra a maré dominante no pensamento intelectual brasileiro, profundamente influenciado pelo nacionalismo varguista, Freyre se associa a pensadores hispano-americanos como José Martí (1853-1895), José Enrique Rodó (1871-1917) e José María Vargas (1860-1933) em sua apaixonada defesa dos valores da chamada *Nuestra América* contra “o industrialismo carbonífero e petrolífero, ansioso de mercados passivamente coloniais” e a imposição de uma “rígida uniformidade cultural de continentes inteiros sob o domínio da política ou da economia do povo triunfador” (FREYRE, 2003, p. 44), representados pelos Estados Unidos: “A essa tendência para a uniformidade cultural, nós, da América indo-hispânica, poderemos opor alguma

resistência, unidos e conscientes da necessidade de defender valores comuns” (FREYRE, 2003, p. 44). É bom lembrar, entretanto, que esse aparente radicalismo esbarra na propensão do autor à conciliação, refletida, aliás, na ênfase sobre o hibridismo e a harmonização. Freyre aproveita para louvar tanto o presidente quanto para demonstrar solidariedade com seus pares, ainda que a maioria destes demonstrasse pouco ou nenhum interesse pelo Brasil como parte de uma comunidade latino-americana:

O Brasil de hoje [tem] um presidente, o Sr. Getúlio Vargas, em quem a consciência sociológica dos problemas brasileiros e americanos completa às vezes a política e, principalmente, uma *elite* de pensadores e pesquisadores que já venceram, no trato de problemas antropológicos, o complexo de inferioridade do mestiço e do clima tropical. (FREYRE, 2003, pp. 44-45)¹

O ensaio conclui com a proposta de “um amplo americanismo cultural” (FREYRE, 2003, p. 46), no qual, entretanto, o Brasil desempenharia um papel central como “o animador de uma política de cultura interamericana que seja ao mesmo tempo um movimento unionista e pluralista, ecologista e universalista, continentalista e regionalista” (FREYRE, 2003, p. 45).

O segundo ensaio desenvolve sua original visão da América como um *arquipélago sociológico*, essencial ao seu conceito de interamericanismo, cuja característica definitiva seria a combinação de unidade e variedade. O ponto central deste ensaio é a rejeição do pan-americanismo, contrariando, assim, uma tendência da política externa brasileira. Enfatizando a suposta história e geografia em comum e com base na suposta aceitação dos valores de liberdade e democracia em todo o continente, o pan-americanismo originou-se nos Estados Unidos no final do século XIX, como forma de manter sua hegemonia política e econômica. Porém, como sugere Leslie Bethell, “os governos hispano-americanos, em geral, reagiam com suspeita e desconfiança em relação a esse novo interesse dos Estados Unidos no hemisfério,” sobretudo na esteira do “estabelecimento do protetorado estadunidense em Cuba” (BETHELL, 2009, p. 297). Essa desconfiança chegou ao ponto máximo da desastrosa Conferência Pan-Americana em Havana (1928), quando os países hispano-americanos denunciaram a

¹ Ao louvar abertamente Getúlio Vargas, Gilberto Freyre destoa de outros intelectuais da época, como Carlos Drummond de Andrade, que participaram, pelo menos indiretamente, do governo Vargas sem, contudo, expressarem publicamente seu entusiasmo pelas políticas do ditador. A relação entre Vargas e a intelectualidade brasileira é complexa e repleta de contradições, como demonstrou Sérgio Miceli em *Intelectuais à brasileira*.

intervenção norte-americana na Nicarágua. Em geral o Brasil mantinha-se distante, contudo, dessas controvérsias. Segundo Bethell, “o governo brasileiro, ao contrário da maioria dos governos hispano-americanos, não havia criticado a guerra dos Estados Unidos contra a Espanha, aprovava o corolário de [Ted] Roosevelt à Doutrina Monroe, e fez vista grossa às inúmeras intervenções no México, na América Central e no Caribe” pois “desde o início o Brasil era mais favorável à ideia do pan-americanismo do que as repúblicas hispano-americanas, e deu apoio total aos Estados Unidos nas Conferências Pan-Americanas” (BETHELL, 2009, p. 298). O maior representante desse pensamento havia sido Joaquim Nabuco (1849-1910), embaixador brasileiro em Washington, no início do século XX. No início da década de 1940 o governo Vargas ainda defendia a tese do pan-americanismo, respaldado por intelectuais do porte de Cassiano Ricardo e Pedro Calmon (BETHELL, p. 10). A posição independente de Freyre se reflete na sua inabalável opinião de que o pan-americanismo seria a capitulação ao domínio “por um gigante apenas forte”, isto é, os Estados Unidos, desembocando numa América “pomposamente maciça, filipicamente una” (FREYRE, 2003, p. 6). Freyre contrapõe ao pan-americanismo o que chama de *interamericanismo científico*, mais cultural do que simplesmente político, econômico, diplomático e militar. Esse interamericanismo seria criado a partir das semelhanças mas também das especificidades das diferentes “ilhas sociológicas” que compõem a América, visando à cooperação na resolução de problemas “de interesse continental” (FREYRE, 2003, p. 51). Freyre conclui o ensaio recorrendo à terminologia eugênica, influência, aliás, definitiva no seu pensamento desde *Casa-grande & senzala*: “Ao estudo assim orientado das semelhanças de caráter patológico - socialmente patológico - seguir-se-á o das diferenças. O estudo simpático, e não frio e sem amor, das diferenças. O estudo da maneira de conciliá-las sem esmagá-las, tanto depende delas a verdadeira saúde social e de cultura do continente” (FREYRE, 2003, p. 51).

Escrito no início da década de 1960, “Americanidade e latinidade da América Latina” pode ser visto como uma síntese do pensamento de Freyre sobre as questões da americanidade e latinoamericanidade. Freyre começa estabelecendo uma noção geral de americanidade, unindo a América dita latina à anglo-saxônica, como parte do que o autor descreve como um “mesmo clima psicossocial americano que seria um clima de tensão, de inquietação, e, por conseguinte, favorável ao mesmo desenvolvimento sob

aspectos, é claro, diversos” (FREYRE, 2003, p.18). Esse clima psicossocial seria único às Américas, diferente de outras partes do mundo, reforçando, assim, seu conceito de interamericanismo desenvolvido vinte anos mais cedo. No entanto, logo em seguida Freyre declara aceitar a expressão América Latina como marca de diferença de um grupo de culturas de origem ibérica, que inclui o Brasil, em relação à América anglo-saxônica. Existiria, assim, uma *latinidade*, entendida como uma “interpretação socialmente plástica do cristianismo” (FREYRE, 2003, p. 21). Ao assumir abertamente a latinoamericanidade, Freyre distancia-se da esmagadora maioria dos intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX, preocupados em estabelecer uma identidade única e excepcional para o Brasil - as chamadas “raízes do Brasil” - distinta sobretudo da América hispânica, como Sérgio Buarque de Holanda, José Francisco de Oliveira Viana, Caio Prado Júnior, Paulo Prado, o próprio Gilberto Freyre de *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*, e outros. Mesmo Manoel Bomfim, que em 1905 publicara *América Latina; males de origem*, à qual se integrava o Brasil, já havia rejeitado a América Latina como apenas uma “designação geográfica” num livro de 1929, significativamente intitulado *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*”, enfatizando que haveria até mais diferenças entre o Brasil e os países da América hispânica, do que entre Portugal e Espanha. Bomfim é peremptório: “No mais, [América Latina] é designação nula, própria somente para a tecnologia fútil dos que, aceitando a divisão fácil do Ocidente em – latinos, germânicos, eslavos... voltados para este lado, concluem que deve haver uma América Latina, para contrapor-se à América inglesa” (BOMFIM, 1997, p. 32). É interessante que o supostamente conservador Gilberto Freyre novamente nos surpreende, alinhando-se com jovens intelectuais de esquerda, como Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e Darcy Ribeiro, para os quais não havia dúvida que o Brasil fazia parte da América Latina.

Freyre define a latinoamericanidade em termos que remetem tanto a outros pensadores, inclusive aos que defendem a tese da excepcionalidade brasileira, quanto a conceitos dominantes no seu próprio pensamento. Por exemplo, o autor serve-se abertamente da ideia de plasticidade, cara a Bomfim e Buarque de Holanda. A partir da plasticidade, Freyre propõe o conceito de *interpenetrações* entre os valores ibéricos e nativos, ou, em outras palavras, entre os valores europeus e afro-ameríndios, que caracterizariam não só o Brasil mas toda a América Latina. Tal conceito, possivelmente

apoiado na teoria da *transculturação*, formulada por Fernando Ortiz em 1940, representa, ao mesmo tempo, uma variação da temática de hibridismo e harmonização, molas mestras do ideário freyreano. Desta forma os latino-americanos só teriam como se orgulhar do “caráter misto” (FREYRE, 2003, p. 30) da sua civilização, combinando tradição e renovação, e racionalmente adaptada às condições americanas. Por exemplo, a siesta seria não o resultado do ócio ou da indolência, conforme uma visão eurocêntrica, mas uma prática higienicamente adaptada ao ambiente americano. Freyre serve-se também da oposição entre a ética protestante da América anglo-saxônica e a ética católica da América ibérica, herdada de Max Weber, na qual se apoiara Buarque de Holanda. Mas invertendo Buarque de Holanda e renunciando algumas das propostas do historiador norte-americano Richard Morse, em *O espelho de Próspero*, Freyre valoriza abertamente o modo de ser neo-ibérico – que ele acredita ser paradoxalmente pós-moderno – como um antídoto às limitações da América inglesa, presa a uma noção tradicional do tempo como dinheiro, logicamente incompatível com as crescentes oportunidades de lazer trazidas pelos avanços tecnológicos. Apesar de longa, vale a pena citar a seguinte passagem:

Daí parece ter resultado diferença nada insignificante de atitude e de comportamento entre latino-americanos e anglo-americanos: diferença que tendo, durante séculos, tornado os primeiros, arcaicos em relação com os segundos, hoje tende a situá-los em posição de mestres em potencial de anglo-saxões exageradamente ativistas, de artes de encher festiva, folclórica e esteticamente o tempo livre: este tempo livre que a automação, desprestigiando a ética calvinista glorificadora apenas do tempo-trabalho e favorecendo a ética hispano-católica, consagrada do tempo litúrgico, festivo, lúdico, vai tornando, para as populações dos países superindustrializados, muito mais vasto que o tempo necessário a atividades econômicas associadas a ideais de progresso e a programas de desenvolvimento e de bem-estar material. Estamos, neste particular, diante de um paradoxo que é o da América Latina tornar-se de repente, sob certos aspectos, pós-moderna e a América de língua inglesa, arcaica em suas atitudes e em seus hábitos, criados por três séculos de progresso à base de um sentimento apenas econômico do tempo: o de tempo-dinheiro. (FREYRE, 2003, p. 28)

Talvez mais importante ainda do que a noção de tempo, um dos fundamentos da unidade identitária latino-americana por oposição à anglo-saxônica seria o que Freyre descreve como uma suposta ausência de orgulho étnico, isto é, de uma preocupação com a raça. Assim, Freyre considera os latino-americanos como sociologicamente *crístocêntricos*, ao contrário de grupos de origem não ibérica, que seriam *etnocêntricos*:

Nisto parece estar sua diferença mais profunda de outras projeções europeias - as anglo-saxônicas, a holandesa, a belga, até mesmo a francesa - em terras americanas e em outras terras. Todas essas foram antes etnocêntricas que crístocêntricas em seus aspectos socioculturais, embora todas dizendo-se civilizações cristãs e

desenvolvendo atividades de catequese e de educação entre populações não-europeias. (FREYRE, 2003, p. 32)

O autor acredita que esse comportamento latino-americano permanecerá intacto no futuro, mesmo no contexto da modernização crescente da América Latina, na medida em que “sua latinidade e americanidade tendem a definir-se cada vez mais, em termos ao mesmo tempo culturais e ecológicos, nisto estando um dos pontos de contraste de seu desenvolvimento com o da América de formação anglo-saxônica” (FREYRE, 2003, p. 33-34).

Em última instância a latinoamericanidade repousaria sobre uma dialética entre conservadorismo e renovação, revelando uma tendência ao hibridismo e uma enorme capacidade de adaptação, que devem ser fontes de auto-afirmação antes que de qualquer sentimento de inferioridade. Segundo o autor, “para nenhum de nós a chave da interpretação do *ethos* e da cultura latino-americana está num latinismo (europeu) rigidamente puro ou num indigenismo (americano) igualmente puro. Nenhum dos dois, em termos assim absolutos, definiria jamais o passado, o desenvolvimento ou o ideal latino-americano” (FREYRE, 2003, p. 34). Num momento em que a palavra *desenvolvimento* adquirira um significado apenas econômico, imposto sobretudo pelos interesses da América anglo-saxônica, corporificado em programas como a Aliança para o Progresso, Gilberto Freyre reconfigura o tópico do desenvolvimento latino-americano em termos que são antes sociológicos, históricos e culturais.² Tratava-se de um revolucionário, no sentido em que o termo foi entendido nos anos 60? Não acredito. Falta a Gilberto Freyre uma consciência da situação pós-colonial e neo-colonial que, como outros intelectuais mais radicais demonstraram, seria o traço comum mais forte entre os povos latino-americanos. Pois, como eloquentemente sugeriu o poeta Ferreira Gullar,

Somos todos irmãos
mas não porque tenhamos
a mesma mãe e o mesmo pai:
temos é o mesmo parceiro

² Curiosamente, ao redefinir o conceito de *desenvolvimento*, Freyre junta sua voz à de Paulo Freire, para o qual o pensamento sobre desenvolvimento não pode ser limitado às questões econômicas. Ver Luiz Fernando Valente, “Paulo Freire: desenvolvimento como prática de liberdade.”

que nos trai. (GULLAR, 2008, p. 326)

Freyre permanece, entretanto, preso à simbologia da família patriarcal multi-étnica. Apesar disso não resta dúvida que o sempre imprevisível Freyre revela, sob muitos aspectos, um pensamento surpreendentemente progressista e, sem dúvida, bastante original em relação ao conceito de América Latina.

Referências

- BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. *Estudos históricos*, vol. 22, nº 44 (julho-dezembro, 2009), p. 289-321.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*, 2. ed., Rio: Topbooks, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros ensaios*. Org. Edson Nery da Fonseca. Brasília: Ed da Universidade de Brasília, 2003.
- _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 28. ed., Rio: Record, 1992.
- _____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 16. ed., São Paulo: Global, 2006.
- _____. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e da cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio: José Olympio, 1940.
- GULLAR, Ferreira. *Poesia completa, teatro e prosa*. Rio: Nova Aguilar, 2008.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil 1920-1945*. São Paulo: Difel, 1979.
- MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Ayacucho, 1978.
- VALENTE, Luiz Fernando. “Paulo Freire: desenvolvimento como prática de liberdade”. *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, vol. 9, nº 18 (Janeiro/junho, 2009), p. 186-197.

* Artigo de autor convidado para compor o dossiê.

** Luiz Fernando Valente é Professor Titular de Estudos Portugueses e Brasileiros e de Literatura Comparada na Brown University. É autor de *Ficção e história: convergências e contrastes* (2002), de *Mundivivências: leituras comparativas de Guimarães Rosa* (2011), e de cerca de setenta artigos sobre Literatura Brasileira, Literatura Comparada e o Pensamento Social Brasileiro em revistas acadêmicas e obras de referência.